



Actas

Proceedings

Colóquio Internacional Epistemologias do Sul:  
aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul

International Colloquium Epistemologies of the South:  
South-South, South-North and North-South global learnings

Boaventura de Sousa Santos e Teresa Cunha (eds)



Volume 4

Direitos Humanos e outras gramáticas da dignidade humana  
Human rights and other grammars of human dignity  
Junho - June 2015

## PROPRIEDADE E EDIÇÃO / PROPERTY AND EDITION

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra  
www.ces.uc.pt  
Colégio de S. Jerónimo, Apartados 3087  
3000-995 Coimbra – Portugal  
Tel: +351 239 855573/ + 351 239 855589

ISBN: 978-989-95840-5-1

## Capa e projecto gráfico / Cover and graphic design

Cristiana Ralha

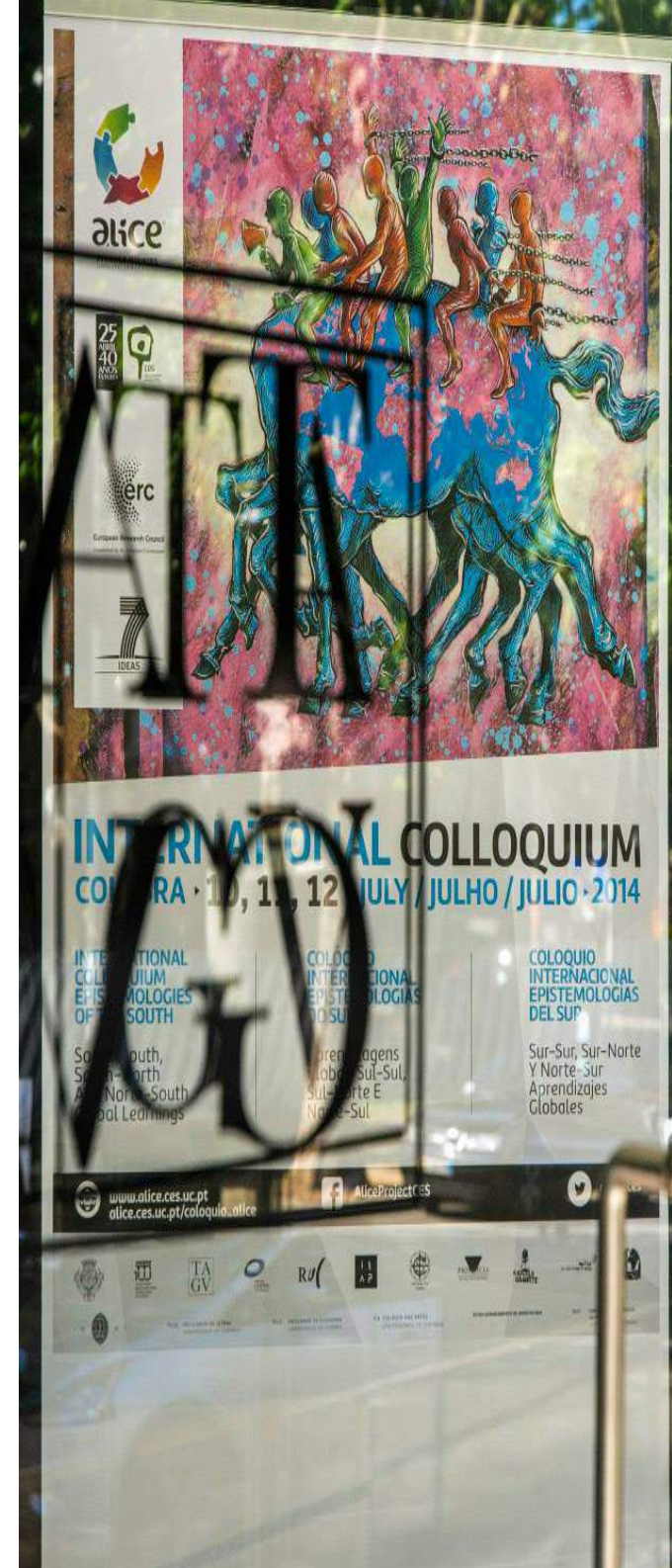
Coimbra, Junho, 2015

## COMISSÃO CIENTÍFICA DO COLÓQUIO / SCIENTIFIC COMMITTEE

Boaventura de Sousa Santos  
José Manuel Mendes  
Maria Paula Meneses  
Élida Lauris  
Sara Araújo

## COMISSÃO ORGANIZADORA DO COLÓQUIO / ORGANISING COMMITTEE

Alice Cruz  
Aline Mendonça  
André Brito Correia (Coord. do Programa Cultural / Cultural Programme Coord.)  
Antoni Aguiló  
Bruno Sena Martins  
Catarina Gomes  
Cristiano Gianolla  
Dhruv Pande  
Élida Lauris (Coord. Executiva / Executive Coord.)  
Francisco Freitas  
José Luis Exeni  
Luciane Lucas dos Santos  
Mara Bicas  
Maurício Hashizume  
Raúl Llasag  
Rita Kacia Oliveira (Coord. Executiva / Executive Coord.)  
Sara Araújo (Coord. Executiva / Executive Coord.)  
Teresa Cunha



POR VONTADE DO AUTOR E DA AUTORA, ESTE TEXTO NÃO OBSERVA AS REGRAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO



alice



Centro de Estudos Sociais  
Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra



European Research Council



IDEAS

Foto / Photo  
Rodrigo Reis

## AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

Este livro, em quatro volumes, resulta de um esforço colectivo que envolveu várias instituições e muitas pessoas a quem queremos prestar o nosso profundo agradecimento.



Universidade de Coimbra



Colégio das Artes da Universidade



Departamento de Arquitetura da Faculdade



Escola da Noite / Teatro da



Faculdade de Economia da



Faculdade de Letras da



Machado de Castro National



NES - Núcleo de Estudantes



NES - Sociology Student Body



RUC - Radio Universidade de

Este livro de Actas foi elaborado no âmbito do projecto de investigação “ALICE – Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas: Definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do Mundo”, coordenado por Boaventura de Sousa Santos (alice.ces.uc.pt), no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra – Portugal. O projecto é financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação, 7º Programa Quadro da União Europeia (FP/2007-2013) / ERC Grant Agreement n. [269807].

## INSTITUTIONAL ACKNOWLEDGMENTS

These Proceedings, in four volumes, would not have been possible without the kind support and help of many individuals and organizations. I would like to extend our sincere thanks to all of them.



University of Coimbra



College of Arts of the University of



Department of Architecture of the Faculty



Escola da Noite / Teatro da



Faculty of Economics of the



Faculty of Arts and Humanities



Machado de Castro National



NES - Sociology Student Body



NES - Sociology Student Body



RUC - Radio Universidade de

This book of proceedings was elaborated as part of research project “ALICE – Strange Mirrors, Unsuspected Lessons: Leading Europe to a new way of sharing the world experiences”, coordinated by Boaventura de Sousa Santos (alice.ces.uc.pt), at the Centre for Social Studies of the University of Coimbra – Portugal. The project is financed by the European Research Council (ERC), 7th Framework Programme of the European Union (FP/2007-2013) / ERC Grant Agreement n. [269807].



## DE VISITA AO “MUSEU AMERICANO”, TÁVORA, 1960.

José António Bandeirinha<sup>1</sup>

Rui Aristides

### Resumo

O conjunto de desenhos, textos e outros materiais cartáceos que forma o diário do Arquitecto Fernando Távora constitui uma obra compósita de essencial valor para um mais profundo conhecimento não só do seu percurso como arquitecto, professor e teorizador, mas também para um redimensionamento das vias trilhadas pela arquitectura na viragem do moderno. Esse conjunto polifacetado de materiais ilustra e documenta a viagem de volta ao mundo que iniciou no dia 13 de Fevereiro de 1960, em direcção a oeste, e que se concluiu a 12 de Junho do mesmo ano.

O diário é uma componente essencial dessa viagem. Ao longo de quatro meses, todos os dias registou a sua actividade e as suas observações e impressões acerca de cada jornada num caderno de pequenas folhas, sendo o texto muitas vezes acompanhado por desenhos. Proponho-me analisar as considerações de Fernando Távora nesse documento, incidindo sobre aquilo que ele vai assinalando como diferença cultural entre a sua circunstância europeia/portuguesa e a condição de vida norte-americana da época, particularmente no que diz respeito às questões da cidade e da cultura urbana.

O interesse deste estudo centrar-se-á sobre o modo como o objecto de análise nos permite reconhecer o fenómeno urbano contemporâneo na Europa — hegemonia dos modelos culturais norte-americanos de suburbanização — espetacularmente reproduzidos a partir da cidade colonial que os europeus, eles próprios, emitiram como modelo a partir do Século XVI.

**Palavras-chave** - modelos culturais, formas de vida, processo urbano, hegemonias, suburbanização

### Abstract

The set of drawings, texts and other chartaceous resources that form the diary of the Architect Fernando Távora constitute a composite work of essential value to a greater understanding, not only of his career as an architect, professor and thinker, but also to a reframing of the paths threshed by architecture in the modern turn. That heterogeneous set of materials illustrates and documents the trip around the world that he initiated on the 13 of February of 1960, heading west, and which he concluded on the 12 of June of the same year.

The diary is an essential component of this trip. During the four months, he systematically registered his activity, observations and impressions regarding each day in a small notebook, being the text accompanied many times by drawings.

From this document, I propose to analyse Fernando Távora's considerations regarding what he will demarcate as a cultural difference between his European/Portuguese context and the condition of North-American life at the time, particularly in what concerns the city and urban culture.

The pertinence of this study will be centered on how the object of analysis permits the recognition of a contemporary urban phenomenon in Europe – the hegemony of North-American cultural models of suburbanization – spectacularly reproduced from the colonial city that the Europeans themselves emitted as a model from the XVI century onwards.

**Keywords** – cultural models, ways of life, urban processes, hegemonies, suburbanization.

<sup>1</sup> Arquitecto pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1983). Exerce profissionalmente e é Professor Associado com Agregação do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, onde se doutorou em 2002 com uma dissertação intitulada O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974. Tomando como referência central a arquitectura e a organização do espaço, tem vindo a dedicar-se ao estudo de diversos temas — cidade, teatro, cultura. É investigador do Centro de Estudos Sociais. Foi Presidente do Conselho de Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra. Foi Pró-Reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra. Foi Diretor do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

Nova Iorque, 1960.

‘Não cre que existe na base do suburb um desperdício extraordinário? Olhou para mim, baixou a cabeça, olhou para uma das mangas do meu casaco e disse: ‘Eu tenho três botões na manga do casaco, você tem quatro, será isso desperdício? É uma noção muito relativa e depende sobretudo das possibilidades’ (Távora, 2012:190).

Assim respondeu John T. Howard (coordenador do departamento de planeamento urbano do MIT) ao arquiteto Fernando Távora que em 1960 viajou à volta do mundo, durante quatro meses, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi através desta viagem que o arquiteto português experimentou, pela primeira vez, a urbanidade americana e especificamente o “suburb” que o intrigava. Esta viagem permitiu a Távora observar o papel da América no processo que ele designava de o “grande sonho da humanidade”, um sonho que emergia do ciclo “Grécia-Roma-Europa” e era sustentado por dois pilares: “(...) a valorização do homem e a procura do conhecimento das suas relações com o universo.” (Távora, 2008:32). Para Távora, a América de 1960 interpretara estes pilares na ideia: “viver materialmente bem e (julga-se) todo o resto virá por acréscimo” (Távora, 2012:104, 105). Este viver materialmente bem revelava-se em “espaços sem fim” (2012:35), num “caos tornado forma” (2012:45), e no funcionamento de “uma imensa máquina” (2012:196) na qual o dinheiro é “(...) a chave, o alfa e ómega de todas as coisas” (2012:91). A América anterior aos movimentos e protestos contracultura e à *pop culture*, conduzia assim a um estranhamento na experiência europeia, especificamente portuguesa, de Távora. Este estranhamento partia especificamente de um confronto cultural que se vai tornando tanto mais crítico quanto mais tempo passa na América.

É neste estranhamento progressivamente crítico que encontramos ecoada uma das críticas mais pessimistas do Adorno da *Minima Moralia*<sup>2</sup>, quando em viagem de Nova Iorque para Filadélfia, Távora escreverá o seguinte: “Nota curiosa: em toda a viagem não vi uma peçazinha de arquitectura embora tivesse visto centenas ou milhares de edifícios. Há um certo “ar de acampamento” em muitas destas coisas americanas” (2012:59).

A sensibilidade cultural de Távora, apesar de maravilhada com vários aspectos da sociedade Norte-americana, irá aprofundar a disparidade cultural e o estranhamento que lhe está subjacente. A 13 de Abril de 1960, já a aproximar-se do fim da sua temporada na América do Norte, resumiria essa disparidade num juízo final:

Eu creio que a América é um magnífico Laboratório; é indispensável conhecê-la, exatamente e sobretudo para saber aquilo que deve evitar-se a todo o custo. A grande sorte da Europa, quanto a mim, foi a de ter realizado na América a experiência da civilização que criou com a Renascença. Pode

2 Para Adorno a paisagem americana destruiu a possibilidade de habitar poeticamente o espaço, como diria o poeta Hölderlin, pois nela tudo é efêmero, começando pela estabilidade do lar que os americanos teriam substituído pela mobilidade do *bungalow* (apud Adorno, 2005).

agora olhar para este filho e dar talvez orientação diferente aos seus netos (2012: 251,252).

A versão europeia e a americana desse “grande sonho da humanidade” vão, portanto e progressivamente, assumindo-se como irreconciliáveis.

Se, por um lado, a crítica da América experimentada por Távora estava firmemente enraizada numa cultura mediterrânica, limitando-a a outros pontos de vista culturais, esta mesma limitação, por outro lado, concedia escala à “imensa máquina” que se produzia na América do Norte. É através desta escala que se pode observar como esse “grande sonho da humanidade” foi determinante e permanentemente transformado na passagem pelo laboratório americano.

### **A AMÉRICA DE TÁVORA - O FIM DOS LIMITES E A VIDA COMPARTIMENTADA.**

O “ar de acampamento” da paisagem urbana americana que Távora vai percebendo deve-se, numa primeira instância, ao contraste entre as circunstâncias culturais da construção da paisagem americana e da portuguesa. A propósito da conversa com Edward T. Hall: “Falou-se depois nas casas e eu comparei a nossa “boa” parede de granito, com pelo menos 0,30, com os 7 ou 8 centímetros de espessura de parede da casa de madeira, que é aqui, de longe, a solução mais comum”(2012:191). O que salienta a oposição entre o método lento e custoso de erigir lares em Portugal e o método rápido, industrial e precário de o fazer na América. Para esta materialidade contribuía a mobilidade americana, tanto social, bem como profissional, que fazia com que “(...) o sentido de “casa” como centro da família e como elemento físico suporte de um valor simbólico de continuidade das gerações não exista nos Estados Unidos” (2012:191).

O que nos remete para o que, na opinião de Távora, é um aspecto estruturante da organização espacial na América: a deslocação contínua e permanente, não só de pessoas, mas de coisas e, claro, de dinheiro – em Nova Iorque: “tudo mexia como pirilampos em noite quente de verão” (2012:80).

Esta elétrica deslocação americana, apesar de causar maravilhamento, não é de todo pacífica:

Até nas deslocações é difícil pensar: a pé ninguém anda (e se anda é depressa e no meio de muita gente), os transportes colectivos estão sempre cheios e são extraordinariamente barulhentos e excitantes, o automóvel que é o veículo por excelência exige toda a atenção para a condução (2012:251).

Claro está que a razão desta deslocação, preferencialmente executada através do automóvel, é a distância que resulta da disposição extensa e fragmentada da cidade americana, na qual

o subúrbio, como motivo de vida – modelo económico, político e social - desempenha um papel central.

Como já foi referido, Távora aprofundava pela primeira vez e com grande curiosidade o subúrbio americano. E assim vai indagando as suas razões e formas, ao ritmo das conversas que vão surgindo com arquitetos, planeadores e outros profissionais relacionados com a gestão do espaço. Em conversa com o Professor Kenneth A. Smith, na altura *dean* do departamento de arquitetura da Universidade de Columbia, percebeu que este vivia a cerca de 80 km de Nova Iorque, concluindo interrogativamente: “Interessante não é, este gozo – e esta necessidade – de coisas nas metrópoles” (2012: 114). Perguntou ao Professor porquê viver tão longe, constatando que seria por: “Casas mais baratas, espaço para os filhos, zona bonita...”. Alguém na *Planning Commission* de Nova Iorque o tinha informado que: “em Manhattan quase não há crianças: os casais na medida em que têm filhos têm que deslocar-se para os arrabaldes: o centro da urbe é incompatível com as crianças” (2012: 114). Mais tarde o Professor Edward T. Hall confirmaria a importância do subúrbio para uma boa vida familiar: “Fez-me depois o elogio não propriamente do “suburb” mas da vida fora do centro: no caso dele – a liberdade dos filhos, a possibilidade de fazer “gardening”, etc.”(2012:190).

Para o fim da sua temporada na América, o subúrbio, que ao início ainda tomava por arrabalde, ou seja, como algo secundário e derivante da metrópole, era entendido por Távora como, de facto, um dos principais aspectos da metrópole americana e sua extensão no território, um aspecto, aliás, longe de pacífico: “Sente-se uma espécie de “luta surda” entre as cidades e os subúrbios que se desenvolveram extraordinariamente”(2012:264).

Esta luta tinha um campo de batalha específico, as *urban renewals*, as quais, na opinião de Távora levantavam grandes dúvidas, por exemplo, relativamente a Chicago:

...parece-me implicar com tantos interesses que apesar de estarmos na América permito-me pôr as minhas dúvidas (...). É claro que como todos os Planos que tenho visto aqui também este é um plano de “concentração” de interesses ou de “revitalização do centro”. Highways até ao centro, estação de Caminho-de-ferro no centro, Universidade de Illinois no centro, mais edifícios comerciais no centro, mais adensamento de população no centro, etc., etc. (2012:263).

Eram, no fundo, planos de reestruturação da metrópole em função da localização periférica dos espaços de vida. Os problemas que hoje assolam as cidades portuguesas: a desertificação dos seus centros, o esvaziamento dos espaços e utilizações públicas e a estabilização da vida periférica; eram então patologias consolidadas e estruturantes da paisagem americana de 1960. Acresce que a estas patologias, que não eram outra coisa senão a conformação a modos de vida suburbanos e supra-metropolitanos, pertence um outro aspecto estruturante da organização do espaço americano: “Uma palavra que não ouvi aqui é “limitação” de

crescimento ou “limitação” mesmo no seu sentido mais lato. Esta gente habituou-se a progredir tão rapidamente que está convencida que isto não tem fim, os limites acabaram” (2012:263-264).

Os limites acabaram. Porém, e paradoxalmente, a vida americana é uma vida compartimentada, não só em termos das ligações entre programas e espaços de vida – “noto aqui, mais uma vez, que se os americanos pudessem ter o automóvel na cozinha e irem de automóvel à cerimónia religiosa ou ao sapateiro ou à retrete, certamente o fariam”(2012:218) – mas, também, em termos da vida cultural da metrópole, especificamente relativamente ao papel dos museus:

Habitúamo-nos a esta ideia do Museu, cómodo, limpo, com ar condicionado, luz especial, guias, catálogos, visitas organizadas e pronto; (...) Dum lado a vida – porca, suja, feia, prática – do outro o museu que se visita aos domingos “para elevar o espírito” e aumentar a cultura geral. Então aqui o delírio do Museu é impressionante (2012:222).

Por outro lado, o “ar de acampamento”, que Távora associa especificamente aos subúrbios americanos, não é redutível à forma destes últimos pois, resume, simultaneamente, uma atitude, uma forma de estar perante o espaço organizado, “que tem correspondente – espiritual – nos centros, traduzido até pelo à vontade com que se fazem demolições de quarteirões inteiros para fazer novos prédios”(2012: 191).

Esse “caos tornado forma” (2012:45), era então a forma urbana dessa efemeridade “espiritual” que Távora vai constatando nas cidades americanas que visita. De Washington, ainda no início da viagem, dirá:

... é uma bela cidade a duas dimensões, isto é na planta, a sua terceira dimensão, porém, é o caos. Dir-se-ia que tudo foi bombardeado e que a cidade foi reconstruída em estado de emergência (...) Procurei esta tarde, em vão, uma Avenida ordenada em volume; nada encontrei: a um magnífico edifício de 10 pisos, sucede-se um parque de estacionamento de 2 ou 3 pisos, de construção precária e, logo a seguir, uma pequena construção, de frente reduzida, com 3 pisos ou coisa semelhante. É verdadeiramente o caos tornando forma (2012:45).

E isto porque, como o arquiteto peruano W. Garcés o tinha informado: “... quem manda no urbanismo americano são os tipos do *Real Estate*. Vá aos escritórios deles, perto do cruzamento da 41 com a 5ª Av. e veja a força de que dispõem; é a força nº1 contra o controlo pelo planeamento” (2012:100,101).

Esta resistência a limites, de modo igualmente paradoxal, assumia contudo limites sociais



muito específicos, assim aprendeu Távora na *City Planning Comission* de Nova Iorque:

Praticamente a população de Nova Iorque (cinco “boroughs”) mantém-se ou decresceu até (à roda dos 8 milhões), mas a região aumenta sempre. Tinham também uns mapas curiosos da evolução da população por áreas e por população “branca” e “não branca” (2012:85).

Portanto, a segregação que observava nas grandes cidades americanas não era um acaso, um mero efeito colateral da ausência de planos mas, sim, o resultado desejado de um plano social que produzia a seguinte vivência urbana:

Na volta para o hotel pela State Street notei um fenómeno curioso; a rua, a partir de Congress Street Expressway morre completamente; acaba a iluminação, acabam as boas montras, acabam os edifícios altos; começa o caos, a escuridão, os cabarets e os dancings de mau aspecto, abundam os negros; é como se de um momento para o outro se passasse do ambiente de um restaurante de luxo para o ambiente de um prostíbulo! O fenómeno é muito comum nas cidades americanas (2012:220).

Um fenómeno que ainda hoje é muito comum nas cidades americanas.

A democracia americana, embora possuindo uma “vitalidade impressionante” (2012:219), apresentava-se assim de forma paradoxal, a ausência de limites levava não só à criação de limites abomináveis mas, também: “... à criação de extraordinários potentados (imprensa, televisão, uniões, real estate, grandes armazéns e empresas, etc., etc.) que comandam toda a vida do país” (2012:252). Ou seja, potentados estes que contradiziam a própria ideia de vida democrática. Será talvez este aspecto, esta contradição, que Távora entenderá na cidade de Washington, a qual tinha sido encomendada ao arquiteto francês Charles L’Enfant, no final do século XVIII, enquanto capital fundacional da nova república: “O problema foi talvez o de construir uma cidade, capital de uma federação campeã da democracia, segundo um esquema ‘l’état c’est moi’” (2012:59,60).

Como poderia uma capital imperial de estado fazer-se sentir quando, como parte da sua fundação, rejeita a própria ideia de estado imperial. O poder da democracia americana não estava lá. Daí Távora assinalar que um “... sentido “cívico” de “cidade” não o encontrei em Washington” (2012:60), apesar dos seus grandes monumentos cívicos “... bem construídos, mas de pobre concepção e total ausência de imaginação criadora” (2012:57).

Houve outros aspectos a retratar, mas os anunciados permitem-nos entender a medida do que Távora considera dever-se evitar da América, medida esta que é transmitida, em todo o seu criticismo, ora por cansaço, ora por uma raiz cultural tão contrastante, no seguinte:

Estes colossos de Rouges Plants, de New York Times, de Rockefeller Centers, de Macy's, de trânsitos nas estradas, de concentração de gentes e de casas, etc., etc., são inteiramente abomináveis. O mundo que os evite e se quiser vê-los poderá visitar a América, como quem visita um Museu (2012:252).

Convém, portanto, identificar aqueles aspectos históricos que formam este “museu” que Távora visita em 1960 e que lhe causa tanta repulsa, com o fim de indagar o sentido desta crítica.

## O MUSEU AMERICANO

O final do século XVIII terminava com duas revoluções determinantes para o mundo, primeiro a revolução americana de 1776, seguida pela revolução francesa de 1789. Ambos os eventos demarcaram permanentemente as coordenadas de novos relacionamentos do poder com o povo e com um projeto que, se até então era do domínio exclusivo de intelectuais italianos e franceses, passava agora para o panorama de uma ação política e social abrangente: a emancipação e autonomia do humano; relativamente, em primeiro lugar, a Deus e, em segundo, às relações opressivas entre humanos.

Foi neste ambiente de novas articulações que o filósofo Immanuel Kant teorizou a democracia como uma forma despótica de governo, pois fundava um poder em que “todos, sem no entanto serem todos, decidem — o que é uma contradição da vontade geral consigo mesma e com a liberdade” (2009:141). Ou seja, representava a formação de um poder total mas inseparável da vontade privada. Enquanto a Europa seguiria no desenvolvimento numa dimensão abstracta de governo idealmente separada das vontades privadas, baseada em categorias universais como o povo ou o público que, apesar de universais e abstractas, eram ativas no dia-a-dia. A América, por seu lado, seguiria pela contradição no desenvolvimento de uma soberania que rejeita a própria ideia de soberania colectiva — diríamos: uma soberania governada pelo pragmatismo empírico que brotava do ciclo Hobbes-Locke-Hume. Távora reparou que Washington, afinal de contas, era estranha naquela continente que não pedia um objecto universal e comum de governo.

Entretanto e aparentemente dissociável desta abstração sobre governar, o final do século XVIII daria origem à igualmente marcante revolução industrial. Com os avanços tecnológicos e a reorganização radical do trabalho, as cidades europeias empreendiam um crescimento exponencial que atraía a si um manancial de pessoas e que representava algo de inteiramente novo na vivência urbana:

A town, such as London, where a man may wander for hours together without reaching the beginning of the end, without meeting the slightest hint which could lead to the interference that there is open country within

reach, is a strange thing (Engels, 2009:68).

Em meados do século XIX, as cidades que tinham empreendido a dianteira da revolução industrial estavam de tal forma congestionadas de vida humana que se tornava difícil sustentá-las.

Foi para fugir desta congestão humana que a estabelecida e ascendente burguesia londrina - à imagem da aristocracia dos séculos anteriores que se refugiou da cidade nos seus palácios rurais - empreendeu a conquista da periferia como o espaço para um novo ritual urbano. Assim surgiam os subúrbios. Surgiam também as estruturas metropolitanas necessárias ao seu funcionamento, como o caminho-ferro. Ou seja, tinha origem a dualidade feita cidade, feita modo de vida, do viver na casa com jardim na ruralidade e trabalhar no congestionado centro da urbe. O sujeito que assim habitava estava simultaneamente insulado dos aspectos negativos e *pecaminosos* da cidade, e intimamente ligado aos dividendos da afluência que causava esses mesmos aspectos.

Este modo de urbanidade desde cedo obteve terreno fértil nos EUA, nomeadamente devido a dois aspectos estruturantes. Por um lado, a dualidade cidade-campo, a primeira imprópria para a vida, o segundo, ideal, colonizava o território como ideia civilizacional a partir do seu próprio aparelho governativo. Ainda no século XVIII, Thomas Jefferson imaginaria a emergente sociedade americana constituída por agricultores-cidadãos independentes que viviam em casas isoladas, de inspiração clássica, cada um no seu pedaço de paisagem (*apud* Kostof, 1987). Para Jefferson, para quem a cidade era sinónimo de pecado e os homens sem propriedade um constante risco político, o modo de vida suburbano era a ideal tipologia de vida americana e não apenas um arrabalde, isto é, uma consequência da cidade.

Por outro lado, a conquista da periferia, num sentido lato, era uma ação endógena à fundação americana: as grandes caravanas de emigrados europeus rumo a oeste representavam isso mesmo, a conquista de uma propriedade na periferia dos *males* da sociedade. Através de projetos particulares e íntimos de procura de um paraíso pessoal a pradaria era universalmente apropriada.

Portanto, a crença, entretanto generalizada, de que cada família deve aspirar a um terreno seu com o seu próprio palácio, mesmo que seja um palácio modesto, surgia assim como princípio civilizacional. O seu modelo político, no entanto, reemerge de um passado longínquo. Na divisão entre vida privada e vida pública e na sua forma específica de propriedade, a visão Jeffersoniana aproximava-se da *polis* grega. O próprio vivia como um livre cidadão grego, senhor da sua propriedade - o que incluía a mulher, os filhos e os escravos. O paraíso procurado pelos emigrantes europeus conformava-se, pois, num estado pastoril, numa *arcadia*.

É por este espectro que o carácter despótico da democracia, de que falava Kant, transpira nas impressões de Alexis de Tocqueville acerca do espírito revolucionário americano: “Um

americano ocupa-se dos seus assuntos privados como se estivesse sozinho no mundo e, no momento seguinte, ocupa-se do problema público como se tivesse esquecido os primeiros” (2001:641).

Por meados do século XIX, o subúrbio Americano era já uma consolidada tipologia urbana e identitária. A constante fuga das cidades e a conquista do Oeste forneciam mercado para esta tipologia. Foi, no entanto, na primeira metade do século XX que este modelo de vida havia de se expandir espantosamente, democratizando-se por todo o território. Um aspecto tecnológico contribui em muito para esta situação: a pré-fabricação da estrutura da casa rural americana, nomeadamente o advento da *balloon frame*, que tornava mais fácil transportar e montar o esqueleto do lar que seria depois envolvido na capa que mais agradasse ao seu proprietário. Este modelo virá a vingar, prolongando-se até aos nossos dias.

O aparato produtivo de “lares” que assim se desenhava terá, com o *Federal Housing Act* de 1947, um novo ímpeto. Como um programa de “mobilização para a abundância” este irá propor a construção de 11 milhões de habitações unifamiliares. O modelo de Jefferson foi assim propulsionado para a escala da vida moderna.

Como parte integrante e estrutural deste processo de organização da vida metropolitana, a cidade americana era visitada por bulldozers que, à semelhança dos pedreiros do Barão Haussmann um século antes, vinham desimpedir a cidade de indesejáveis e promover a sua revitalização económica, especificamente através da construção de vias rápidas que ligavam os dispersos subúrbios ao centro. Assim foram as conturbadas *urban renewals*, esvaziando e demolindo o centro das suas antigas comunidades e ocupando o horizonte; a cidade em extensão - a cidade-território tão cara à discussão pós-moderna da cidade - ganhava assim o seu corpo atual.

Porém e apesar de só se começar a refletir aprofundadamente sobre esta transformação urbana no final da década de cinquenta, no início do século XX esta visão do território e da vida humana estava já condensada nas visões urbanas e arquitectónicas de uma essencial referência para Távora: o arquiteto Frank Lloyd Wright.

Este último era um forte defensor do individualismo democrático que tem vindo a ser defendido como americano, especificamente pelos próprios americanos. Terá sido esta a noção que esteve na base das reformulações da *villa* americana numa linguagem moderna, que o arquiteto empreende. A mestria e riqueza destas suas *villæ* virão a integrar as obras incontornáveis da arquitetura moderna; especialmente caras a Távora que, ao visitar Taliesin, se sensibilizou profundamente. Porém, a visão de cidade da qual estas arquiteturas partiam era uma anti-cidade. Como podemos constatar no projeto da *Broadacre City* que, ilustrativamente, é apresentado num livro sob o título *The Disappearing City*, em 1932. Nesta visão utópica, vemos o território delineado por infinitas vias rápidas, rodeadas de espaços verdes e pontuadas aqui e ali, nos seus interstícios, por alguns edifícios monumentais e alguns

edifícios rasteiros. O transporte eleito desta cidade ideal são pequenos aparatos individuais, ora terrestres ora voadores, ou seja, carros e carros com asas. O centro já não existe, os limites também não, nem os do quarteirão, nem os da cidade em si. Nesta visão da América, a cidade anterior ao *Housing Act* de 1947, ainda social e politicamente densa, desapareceu dando lugar a uma anti-cidade-território. É este ideal de vida metropolitana que receberá corpo e identidade com a massificação do subúrbio nas décadas de 1950 e 1960 na América. Será justamente nos contornos reais desta *arcadia* moderna que Távora experiencia os EUA; e será deles que resumirá o que se deve evitar do laboratório americano.

## REFLEXÕES FINAIS

Entretanto, não se tendo procurado evitar os resultados do laboratório americano, o subúrbio, como modo de vida urbano, foi devolvido à Europa, agora como um modelo para todos e não apenas para a alta burguesia. Assim podemos ler a paisagem urbana portuguesa, especificamente a partir da inserção na união económica europeia na década de 1980, como constituída por mil e uma pequenas *arcádias*.

Admita-se que Távora reconheceu não passar de “(...) um triste rural europeu com ideias ultrapassadas” (2012:105), ou seja, alguém que, pela sua *ingenuidade*, não é capaz de sair das suas próprias referências culturais. Porém, esta limitação é exatamente a raiz que, no nosso entender, permite pensar as múltiplas modernidades (Eisenstadt, 2003) não como os processos de colonização por uma única modernidade hegemónica, proveniente do norte global mas, antes, como processos de contaminação e influência que ocorrem também dentro desse norte global. A leitura que Távora possibilita é, portanto, um entendimento dos processos de colonização a partir de um centro, que nem pertence inteiramente a uma epistemologia do sul, nem a uma do norte. Sem se entregar a estas dualidades, é uma posição que exige autonomia, através de um pensamento sobre si mesmo. Por isso, perguntamo-nos, como “netos” e herdeiros fugazes desse “grande sonho da humanidade”, se não deveríamos confrontar a questão dos botões, que John T. Howard apresentou a Távora, com a seguinte evidência: ter três ou quatro botões na manga do casaco pode ser relativo, mas fazer ou não fazer subúrbios não depende apenas das possibilidades económicas, não é uma questão relativa, é uma questão política e colectiva e, como tal, não se pode reduzir às vontades privadas de um regime, democrático ou não.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, Theodor W. (2005), *Minima Moralia: Reflections on a Damaged Life*. New York, London: Verso. [orig. 1951]

Eisenstadt, Shmuel Noah (2003), *Comparative civilizations and multiple modernities*, Leiden: Brill.

Engels, Friedrich (2009), *The Condition of the Working Class in England*, London: Penguin Books. [orig. 1844]

Kant, Immanuel (2009), *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*, Lisboa: Edições 70. [orig. 1795-96]

Kostof, Spiro (1987), *America by Design*, Oxford: Oxford University Press.

Tocqueville, Alexis de (2001), *Da Democracia na América*, S. João do Estoril: Princípiã. [orig. 1835-40]

Távora, Fernando (2012), *Diário de “Bordo”*, Porto: ACA.

Távora, Fernando (2008), *Da Organização do Espaço*, Porto: FAUP. [orig. 1962]

Wright, Frank Lloyd (1932), *The Disappearing City*, New York: William Farquhar Payson.